

VIOLETA

A FORÇA DOS PEQUENOS

VIOLETA

A FORÇA DOS PEQUENOS

Coleção flores – livro Nº 05

Ilustrações: Inteligência artificial

Meselmias Oliveira de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Meselmias Oliveira de
Violeta : a força dos pequenos / Meselmias
Oliveira de Carvalho. -- Altamira, PA : Ed. do Autor,
2026. -- (Coleção flores ; 5)

ISBN 978-65-02-16300-9

1. Autoaceitação 2. Identidade - Literatura
infantojuvenil 3. Inteligência emocional
I. Título. II. Série.

26-368199.0

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra às "violetas" que sustentam os nossos dias: aos professores que transformam destinos sem alarde, aos pais e avós que transmitem amor no aconchego das cozinhas silenciosas, e a cada amigo que sabe escutar com o coração. E, acima de tudo, a você, leitor, que busca o que é essencial. Que você nunca desista de florescer, mesmo quando a sombra chegar.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste quinto livro é o desabrochar de uma longa caminhada, e nenhuma flor cresce sozinha.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, o Jardineiro Supremo, por plantar em meu coração as sementes da inspiração, por renovar o meu vigor a cada amanhecer e por me permitir ser um instrumento para espalhar mensagens de esperança e beleza através das palavras.

À minha família, as minhas raízes mais profundas e seguras. Obrigado pelo apoio incondicional, pela paciência nos dias de recolhimento para a escrita e por transformarem o nosso lar no solo fértil onde o amor e a criatividade conseguem florescer. Sem a presença constante e o carinho de vocês, este jardim estaria incompleto.

Aos meus queridos leitores, que dão sentido a cada linha escrita. Obrigado por acolherem a *Coleção Flores* em suas vidas, por permitirem que essas histórias entrem em suas casas e por caminharem comigo, página por página, descobrindo a força que habita no sutil.

E, finalmente, a todos que, assim como eu, acreditam na sabedoria da natureza e compreendem que ela é uma professora silenciosa. Obrigado aos que sabem parar para ouvir o que a terra ensina e que enxergam, na simplicidade de uma flor próxima ao chão, as lições mais grandiosas sobre a nossa própria existência.

A todos vocês, a minha mais profunda e sincera gratidão.

SUMÁRIO

1. Prólogo
2. Capítulo 1 – O Jardim que não aparece
3. Capítulo 2 – A Coragem de ser pequeno
4. Capítulo 3 – As Cores que nascem na sombra
5. Capítulo 4 – O Milagre de uma única folha
6. Capítulo 5 – O Perfume que não faz barulho
7. Capítulo 6 – O Jardim precisa das violetas
8. Epílogo – A Força dos pequenos
9. Nota para Educadores e Escolas
10. Apresentação do autor.

PRÓLOGO

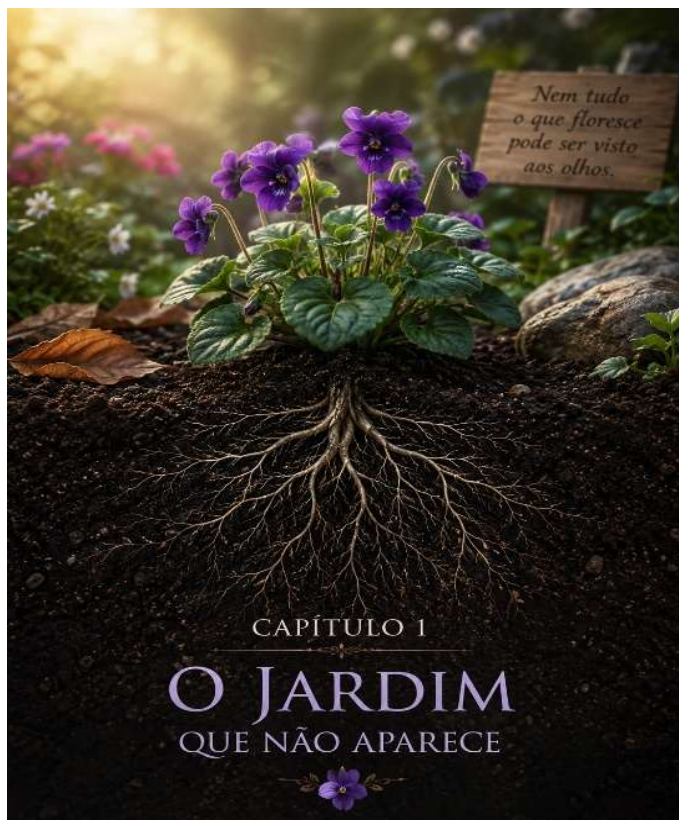
Há flores que disputam o sol. Crescem altas, erguem caules como cetros e exibem cores vivas que gritam por polinizadores e olhares. Perfumam o ar com a urgência de quem precisa ser notado para existir. Exigem atenção como quem exige um tributo.

A violeta não.

Ela nasce baixa, quase fundida à terra. Prefere a sombra, o silêncio e a proximidade do chão, onde o orvalho demora mais a secar. Quem passa apressado não a percebe; talvez até a pise, confundindo sua delicadeza com ausência. Mas quem caminha com atenção, quem busca o que é essencial, acaba por ajoelhar-se. É o único jeito de encontrá-la.

Este livro é um convite a esse gesto raro: abaixar o ritmo, dobrar o olhar e reconhecer a força que habita no que é pequeno, discreto e aparentemente frágil.

A violeta não ensina a brilhar sob o estrépito das luzes; ensina a permanecer quando as luzes se apagam. Não grita sua beleza; sustenta-a na constância de sua cor profunda. Em um mundo que valoriza o alto, o rápido e o visível, ela floresce como uma prece muda, lembrando que há vidas inteiras acontecendo, com dignidade e vigor, longe dos holofotes.



Capítulo 1 – O Jardim que Não Aparece

O jardim mais importante quase nunca está à vista.

Ele não fica na fachada da casa, onde as visitas estacionam, nem recebe placas de identificação ou elogios de quem passa pela rua. O verdadeiro jardim está nos fundos, entre as sombras projetadas pelos muros, sob as folhas caídas que servem de adubo e nos cantos esquecidos pela manutenção estética. É exatamente ali, na penumbra do cotidiano, que a violeta escolhe crescer.

Enquanto outras flores disputam cada centímetro de espaço e luz, esticando-se de forma ansiosa, a violeta aceita o limite. Não faz isso por resignação ou falta de ambição, mas por uma sabedoria ancestral. Ela conhece o solo que a sustenta. Sabe que a sua força não vem do quanto ela se projeta para o céu, mas do quanto ela se aprofunda na terra. A violeta não tenta ser o que não foi criada para ser; ela não inveja a altura do girassol, pois sabe que o peso de uma coroa grande demais quebraria o seu caule.

A violeta não mede valor por altura. Mede por raiz.

Pessoas como a violeta passam despercebidas nos corredores das empresas, nas mesas de jantar e nas calçadas das metrópoles. Trabalham em silêncio, sem enviar relatórios de vaidade. Amam sem plateia, em gestos que ninguém registra. Suportam dores agudas sem o anúncio do lamento. São elas que sustentam as estruturas das famílias, das instituições e das amizades — estruturas que nunca assinam, mas que desabariam sem a sua presença constante. Cuidam de vidas que jamais aparecerão em fotos, mas que florescem porque foram regadas no anonimato.

O mundo, viciado em grandezas e números, costuma chamar isso de insignificância.

A violeta, em sua calma absoluta, chama de fidelidade. Fidelidade ao propósito, ao lugar e ao que é invisível aos olhos, mas fundamental ao coração.

Mas existe um problema: o mundo raramente enxerga dessa maneira.

A sociedade costuma acreditar que aquilo que aparece vale mais do que aquilo que permanece.

É por isso que as grandes inaugurações recebem aplausos, enquanto os anos de trabalho que as tornaram possíveis permanecem esquecidos. Celebram-se os vencedores no palco, mas raramente os professores que os ensinaram a ler, os pais que renunciaram aos próprios sonhos para sustentá-los ou os amigos que permaneceram ao seu lado quando ninguém mais acreditava.

A violeta conhece esse segredo.

Ela não floresce para receber elogios. Floresce porque florescer faz parte da sua natureza.

Quando chega a estação certa, ela não pergunta se haverá espectadores. Não calcula quantas pessoas irão admirá-la. Não se preocupa em ser a flor mais fotografada do jardim. Apenas cumpre o seu propósito.

Talvez exista uma das maiores lições da vida escondida entre suas pequenas pétalas. Nem tudo o que é importante será reconhecido.

Há pessoas que passarão a vida cuidando de familiares doentes sem receber homenagens. Professores que transformarão destinos sem jamais aparecer em livros de história. Trabalhadores que sustentarão cidades inteiras sem que

seus nomes sejam lembrados. Avós que construirão gerações através de conselhos simples, dados em cozinhas silenciosas.

A grandeza dessas pessoas não está no aplauso que recebem, está naquilo que continuam fazendo mesmo quando ninguém está olhando.

A própria violeta carrega esse ensinamento em sua estrutura.

Para compreender sua sabedoria, é preciso olhar de perto a textura de suas folhas. Elas são cobertas por uma fina penugem, semelhante a um delicado veludo que convida ao toque. O observador apressado pode imaginar que se trata apenas de um detalhe estético, mas aqueles pequenos pelos funcionam como uma verdadeira armadura. Retêm a umidade, protegem contra os ventos frios e ajudam a preservar a vida quando as condições se tornam difíceis.

Há uma lição profunda escondida nessa delicadeza.

Vivemos em uma época que frequentemente ensina os jovens a endurecer. O mundo parece exigir que sejam fortes o tempo todo, imunes à dor, impermeáveis às emoções e resistentes a qualquer demonstração de fragilidade.

A violeta ensina o contrário.

Sua proteção não está na dureza, mas na sensibilidade.

Ser capaz de sentir, amar, se emocionar e se importar não é sinal de fraqueza. É justamente essa textura de veludo da

alma que impede que o coração resseque diante da frieza do mundo.

Quem cultiva violetas aprende logo outra lição importante: nunca se deve molhar diretamente suas folhas.

Quando a água cai sobre elas de forma descuidada, surgem manchas e, com o tempo, o apodrecimento. Por isso, a rega correta acontece na base, diretamente na terra, permitindo que as raízes absorvam a água silenciosamente.

A violeta parece sussurrar um segredo que muitos de nós esquecemos. Nem tudo o que vem de fora nos faz bem.

Vivemos cercados por opiniões, comparações, cobranças, curtidas, críticas e expectativas. Todos os dias uma chuva de vozes cai sobre nossa cabeça tentando dizer quem devemos ser.

Mas a verdadeira nutrição não vem dessa superfície barulhenta, ela nasce das raízes.

Vem da família que nos ama de verdade. Das amizades sinceras. Dos princípios que escolhemos cultivar. Da fé que sustenta nossos passos quando ninguém mais está por perto. Do tempo dedicado ao que realmente importa.

O excesso de barulho enfraquece, a nutrição silenciosa fortalece.

A relação da violeta com a luz também guarda um ensinamento precioso.

Se for colocada sob o sol forte do meio-dia, o mesmo sol que o girassol tanto aprecia, ela murchará rapidamente. Suas folhas serão queimadas. Não porque seja uma planta fraca, mas porque foi criada para florescer sob uma luz diferente.

A violeta prefere a claridade suave que atravessa as janelas ou passa filtrada pelas copas das árvores.

Ela não vive na escuridão, ela apenas conhece os seus limites.

Talvez muitos sofrimentos modernos nasçam exatamente da incapacidade de reconhecer essa verdade.

Há jovens e adultos tentando viver permanentemente sob os holofotes. Exibem uma versão perfeita de si mesmos, competem por atenção e medem o próprio valor pela quantidade de pessoas que os observam.

Mas nem toda alma foi feita para suportar esse calor.

A violeta nos lembra que não precisamos viver expostos para sermos importantes, não precisamos ser os mais vistos para sermos valiosos, não precisamos brilhar mais do que os outros para cumprir nosso propósito.

A maioria das pessoas admira as flores, poucas admiram as raízes.

Mas a violeta sabe que não são as pétalas que a mantêm viva.

São as profundezas invisíveis que ninguém vê.